

O DIÁLOGO NO MAGISTÉRIO DE FRANCISCO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO CAPÍTULO 6 DA *FRATELLI TUTTI*

DIALOGUE IN FRANCIS' MAGISTERIUM: A REFLECTION FROM CHAPTER 6 OF FRATELLI TUTTI

EL DIÁLOGO EN EL MAGISTERIO DE FRANCISCO: UNA REFLEXIÓN A PARTIR DEL CAPÍTULO 6 DE LA FRATELLI TUTTI

Isadora Maria Oliveira Souza¹
João Vitor da Costa Silva²

Resumo

O diálogo é uma resposta para a sociedade que carece de pessoas que, verdadeiramente, encontram-se e respeitam-se mutuamente. O Papa Francisco fomenta a cultura do encontro que, dentre outros elementos, é dada, sobretudo, por um diálogo sincero, em vista do bem comum e da verdade, tendo ponto culminante a amizade social. Assim, o objetivo dessa pesquisa foi abordar a conceituação e implicações do diálogo a partir do magistério de Francisco. Para tanto, realizou-se uma investigação acerca do conceito e do termo, por meio de uma revisão bibliográfica e, ainda, buscou-se conhecer a visão do Papa Francisco a respeito do diálogo, mediante o sexto capítulo da sua Encíclica, a *Fratelli Tutti*, intitulado Diálogo e Amizade Social. Conclui-se que, o diálogo deve ser um constante de ouvir e amar, levando, assim, uma esperança de um mundo melhor, mais específico, amoroso e unido, além de dialogar com amabilidade, no fazer misericórdia.

Palavras-chave: diálogo; cultura do encontro; Papa Francisco; *Fratelli Tutti*.

Abstract

Dialogue represents a response to a societal context characterized by a lack of genuine interpersonal encounters and mutual respect. Pope Francis fosters a culture of encounter, which, among other elements, is primarily achieved through sincere dialogue with the objective of achieving the common good and truth, ultimately leading to social friendship. The objective of this research was to examine the conceptualization and implications of dialogue as presented in Pope Francis' teachings. To this end, an investigation was conducted into the concept and the term through a bibliographical review. Additionally, an effort was made to comprehend Pope Francis' vision of dialogue through an analysis of the sixth chapter of his Encyclical, *Fratelli Tutti*, entitled Dialogue and Social Friendship. In conclusion, it can be stated that dialogue must be a continuous process of listening and loving, which offers hope for a better, more unified, and loving world. Furthermore, dialogue should be conducted with kindness and mercy.

Resumen

El diálogo es una respuesta a la sociedad que necesita de personas que, verdaderamente, se encuentren y se respeten mutuamente. El Papa Francisco fomenta la cultura del encuentro que, entre otros elementos, es dada por un diálogo sincero, en vista del bien común y de la verdad, teniendo como punto culminante la amistad social. Así, el objetivo de esa investigación fue desarrollar la conceptualización y las implicaciones del diálogo desde el magisterio de Francisco. Para ello, se realizó una investigación sobre el concepto y al término, mediante una revisión bibliográfica y, además, se buscó conocer la visión del Papa Francisco respecto al diálogo, por el sexto capítulo de su Encíclica, *Fratelli Tutti*, titulado Diálogo y Amistad Social. Se concluye que el diálogo debe ser una constante

¹Mestra em Teologia Bíblica pela PUC PR, Pós-graduanda em Docência do Ensino Superior, especialista em Docência do Ensino Religioso, bacharel em Teologia pela Uninter, bacharel em Comunicação Social. Professora no Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto (Cearp), no Convento Franciscano Masculino, no Curso de Teologia para leigos da Arquidiocese de Ribeirão Preto. É membro do Instituto Secular Servas de Jesus Sacerdote. E-mail: isadoramariaosouza@gmail.com.

²Discente do curso de Graduação em Teologia do Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto (Cearp). Seminarista da Diocese de São João da Boa Vista. E-mail: joao.o25deus10@gmail.com.

de escuchar y amar, llevando así una esperanza de un mundo mejor, más específico, amoroso y unido, además de dialogar con amabilidad, en hacer misericordia.

Palabras clave: diálogo; cultura del encuentro; Papa Francisco; *Fratelli Tutti*.

1 Introdução

O diálogo compõe a vida humana e a caminhada cristã. No quarto Evangelho, no capítulo 24, versículos 13-25, o evangelista Lucas demonstra isso ao apresentar dois discípulos de Cristo, que após sua paixão e morte, desiludidos, viajavam para o povoado de Emaús. No entanto, Jesus, ressuscitado, encontra-os e caminha com eles e, dialogando pelo caminho, descobrem um novo sentido para as suas vidas e missões.

O Papa Francisco tem buscado em seu pontificado exercitar uma abertura para o diálogo, seja no âmbito pessoal, eclesial, ou social. Percebe-se, portanto, por parte do Pontífice, um ecoar do chamado de Deus à Francisco de Assis, o de reconstruir a minha Igreja (Larrañaga, 1998, p. 60).

A missão da Igreja não se faz sozinha, e o próprio Cristo ensina isso: “depois disso, o Senhor designou outros setenta e dois, e os envio dois a dois à sua frente a toda a cidade e lugar onde ele próprio devia ir”. (Bíblia, 2002, Lc, 10:1). Ao enviar de dois em dois, Cristo ensina duas coisas: o caminho missionário não é solo, mas em conjunto, o que hoje chama-se de sinodalidade; e que, junto com outra pessoa, há nesse caminhar missionário a realidade do diálogo. A proposta do Papa Francisco para todas as pessoas de boa vontade é, de certa forma, um convite desafiador e revolucionário.

Francisco presenteou a todos com a sua terceira Encíclica, a *Fratelli Tutti* – todos irmãos – na qual trata sobre a fraternidade e a amizade social. Especificamente, no sexto capítulo, ele muito contruibui sobre o diálogo e amizade social. À luz do magistério do Papa Francisco, especialmente desse capítulo da *Fratelli Tutti*, objetiva-se nesse artigo apresentar reflexões sobre as questões pessoais, eclesiais e sociais, às perguntas contemporâneas: por que a dificuldade em dialogar? Na Era digital, com tantos meios e recursos, o que impede a cultura do encontro mediante um verdadeiro diálogo? Por que do isolamento? Por que do fechamento ao diferente?

Buscando refletir como o diálogo pode ser a resposta para essa contemporaneidade à luz do magistério de Francisco, a pesquisa procura demonstrar na primeira seção a conceituação do diálogo. Na sequência, o texto apresenta uma análise acerca do diálogo, especificamente por meio do sexto capítulo da *Fratelli Tutti*, intitulado Diálogo e Amizade Social.

2 Diálogo

A palavra diálogo tem sido muito utilizada no magistério do Papa Francisco, por isso, surge a necessidade de compreender bem esse termo.

(Do verbo dia-lego, falar com alguém). Em sentido estrito, conversa ou relações seguidas com alguém para uma procura comum de verdade, entre interlocutores cujas posições ou crenças não idênticas, masque cada um se esforça por encontrar a outra tal como é realmente com sua mentalidade e suas convicções próprias (Rouillard; Antonini; Brosse, 1989, p. 238).

Grande contribuição trouxe Roman Jakobson (2007), ao formular a comunicação humana a partir do processo de comunicação com os seus seis fatores: contexto, remetente, mensagem, destinatário, contato e código. Na presente conceituação acerca do diálogo, corrobora que, sejam citadas três deles: remetente; mensagem; destinatário. A partir desses elementos da comunicação, em que um remetente emite uma mensagem a outro alguém, o destinatário, quem, ao receber a mensagem a devolve com uma resposta, interagindo com o emissor, estabelece-se um diálogo. No entanto, o diálogo só é possível mediante a escuta do receptor, pois sem ouvir não é possível uma resposta, portanto, não há diálogo.

O diálogo não é, e não pode se tornar uma discussão, o diálogo é a busca do ponto em comum de ambos pensamentos e ideias divergentes. Para o exercício do diálogo, é necessário um exercício da humildade, por meio do qual o indivíduo não imponha suasconvicções, mas busque aquilo que possa unir suas convicções às do outro, buscando uma virtude centralizada que possa chegar à verdade.

São necessárias disposições psicológicas de abertura para escutar, devendo ser uma exigência interna para que a verdade e autenticidade esteja presente. Assim, o dialogo exige entrar na experiência do outro (Latourelle; Fisichella, 1994, p. 230-234). O diálogo é ponto de encontro, por isso, deve-se tanto o emissor como o receptor compreender um ao outro, acolher seus pontos de vista, buscar um denominador comum que possa unir e não dividir, que possa somar e não afastar. Para isso, é necessário uma exigência, de ambas as partes, com o desejo de sinceridade, caridade e amor em relação ao próximo, buscando a unidade e não a divisão.

A partir da escuta atenta, respeitosa e livre de preconceitos que se dialoga, vê-se no Antigo Testamento um Deus que dialoga com seu povo, e esse diálogo se inicia com um convite: “onde estás?” (Bíblia, 2002, Gn, 3:9); “chamou-o do meio da Sarça” (Bíblia, 2002, Ex, 3:4); “o Senhor chamou” (Bíblia, 2002, Sm, 3:4). Após esses convites se inicia um diálogo, o qual gera a aliança do povo de Israel e de quem nos traz a Salvação, de modo que o diálogo é marcado pela escuta.

O primeiro passo é ouvir o outro, pois não é possível construir nada sem antes ouvir, sem antes entender. Toma-se como base quando é colocado aos Apóstolos, em Jerusalém, a decisão da circuncisão, em que houve primeiro um ouvir por parte dos apóstolos, permitindo a ação pacífica do diálogo.

Quando se começa a falar sem ouvir, age-se com insensatez, não há diálogo, mas tentativa de convencimento, como Jó e Bildade: “até quando impedireis as palavras? Refleti e depois falaremos”. (Bíblia, 2002, Jó, 18:2). Assim, quando se responde sem ouvir o outro, quem responde comete insensatez e passa vergonha (Bíblia, 2002, Pr, 18:13). Por isso “que cada um esteja pronto para ouvir, mas lento para falar e lento para encolarizar-se; pois a cólera do homem não é capaz de cumprir a justiça de Deus” (Bíblia, 2002, Tg, 1:19-20).

Ao dialogar com o outro, não se deve buscar o que desune, mas buscar o que acrescenta. Para isso, é necessário diminuir o orgulho e a arrogância, caso contrário, esse caminho do diálogo não é encontrado. É preciso tirar as sandálias diante do diálogo, assim como Moisés na sarça: “A reverência se expressa no gesto de Moisés tirar as sandálias” (Bergant; Karris, 1999, p. 695). Moisés reconhece-se, e não se acha maior, mas sabe que é necessário abaixar-se para ouvir.

O diálogo é uma atitude de amar, amor esse entendido como caridade, de não olhar para si somente, mas para o outro, reconhecendo o outro (Fouilloux, *et al.*, 1998, p. 31). Jamais pode deparar-se com o outro como detentores do saber absoluto, pois o outro sempre terá algo para apresentar, e é preciso deixar que o outro mostre seu lado. Por isso que, destinatário, após receber a mensagem, torna-se também o emissor, estabelecendo, assim, o diálogo.

A dimensão dialogal faz ter para com o outro amor, o qual permite reconhecer e ser reconhecido (Bíblia, 2002, Jo, 13:35). O Autor Nicola Giordano (1998, p. 91) fala que, “o amor que nos descobre semelhantes ou nos torna semelhantes”. O diálogo é o que permite ver esse amor, as semelhanças e não as dessemelhanças presentes entre as partes.

Diálogo pode ser compreendido de diversos modos. Em primeiro lugar, em nível puramente humano, significa comunhão recíproca, para alcançar um fim comum ou, em um nível mais profundo, uma comunhão interpessoal. Em segundo lugar, o diálogo pode ser considerado como uma atitude de respeito e de amizade, que penetra, ou deveria penetrar, em todas as atividades que constituem a missão evangelizadora da Igreja. Isto pode ser chamado – com razão – “o espírito do diálogo” (Pcdicep, 1991).

Bento XVI (2010) afirma que: “Deus se dá a conhecer no diálogo, que deseja ter conosco”. O diálogo é algo marcado desde o início da criação, assim, Deus, ao permitir se conhecer, motiva o diálogo, a entrar em um contínuo de ouvir e falar, pois “a existência inteira do homem torna-se um diálogo com Deus que fala e escuta, que chama e dinamiza a nossa vida” (Bento XVI, 2010).

O Senhor chama a escutar sua palavra e, ao escutar, convida os sujeitos a dialogarem com Ele. A contemporaneidade sofre por não dialogar, de modo que todos querem falar e ter voz, mas poucos querem parar, abaixar-se e escutar, poucos querem retirar as sandálias, poucos querem recordar do convite, “escutai Israel”, se não escutam a Deus, como escutarão o próximo? Se não se ouve sua Palavra, como ouvirá o irmão?

O Papa Paulo VI, na *Ecclesiam Suam* (1965, p. 41), diz: “no diálogo, assim entabulado, realiza-se a união da verdade e da caridade, da inteligência e do amor”. Ele ainda afirma: “no diálogo da sinceridade e do amor, nos seja dado promover, juntamente com eles, a causa de Cristo e da unidade que Ele desejou para a sua Igreja” (Paulo VI, 1965, p. 63).

O Pontificado de Francisco é marcado pela intensa busca pelo diálogo. Nesses mais de 10 anos, foram muitos gestos e ações demonstrando isso, além dos inúmeros pronunciamentos, mediante seus discursos, homilias, audiências, mensagens. Aqui, destacada-se o que Francisco exorta acerca do diálogo, por meio de sua Encíclica, a *Fratelli Tutti*, em que, no capítulo 6, trata sobre o diálogo e a amizade social. Suas contribuições irão na enriquecer a contribuição que essa pesquisa visa trazer sobre o diálogo.

3 O diálogo no capítulo VI da *Fratelli Tutti*

O sexto capítulo desse documento papal foi dedicado a tratar sobre o diálogo em conjunto com a amizade social. Como já exposto, será tratado especificamente as contribuições acerca do diálogo que, conseqüentemente, proporciona a amizade social.

Para Francisco (2020), o verbo dialogar com se resume em “aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato”. Assim, é possível visualizar uma pessoa que tem iniciativas, que se desinstala, que busca, que sai de si. Para Santos e Marcolino:

Percebe-se, assim, que Francisco segue um conteúdo programático e paradigmático em seu pontificado, ou seja, é claro desde “o que fazer” ao “como fazer”. Francisco pensa uma Igreja que cria comunhão dinâmica, aberta, dialogal (EG 31), porque tem as portas abertas e sai em direção às periferias humanas, como verdadeira mãe de coração aberto (Para Santos; Marcolino, 2021, p.157).

Francisco está convicto de que “há uma opção sempre possível: o diálogo. O diálogo entre as gerações, o diálogo no povo, porque todos somos povo, a capacidade de dar e receber, permanecendo abertos à verdade”. Gonzaga é do parecer que a convocação do Papa Francisco é na edificação da solidariedade entre os povos, pelo bem de todos, passando pelo diálogo, Além disso, acrescenta que “a figura central para esse diálogo é o próprio Cristo, com seu agir

solidário aos mais fragilizados e aos últimos, que vivem nas várias periferias sociais e existenciais, procurando sempre edificar o projeto do Pai” (Gonzaga, 2022, p. 233).

Para Santos e Marcolino (2021), o Pontífice é o profeta dos tempos atuais que, por meio de sua conduta e palavras, aponta para o que a Igreja deve fazer nesse tempo da história humana, uma vez que a cultura do encontro só se torna concreta a partir do diálogo.

Dentro de nossa história atual e como resgate profundo dos princípios da historicidade de nosso tempo, o papa Francisco tem sido uma voz necessária, incômoda, e por isso mesmo, profética. Sua voz ultrapassa os limites da Igreja católica. Seu comportamento e seus ensinamentos revelam uma Igreja que busca a cultura do encontro (Santos; Marcolino, 2021, p. 154).

Atualmente, o diálogo tem sido confundido com algo diferente. Lembrando dos fatores de comunicação citados anteriormente: remetente, mensagem e destinatário, faz-se necessário acrescentar nessa discussão um outro elemento: o contato ou o canal. Para Jakobson (2007), trata-se de um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que permita a ambos entrarem e permanecerem em comunicação. De forma efusiva, as redes sociais têm sido esse canal, entretanto, como alerta o Papa Francisco, o que ocorre muitas vezes entre emissor e receptor pelas redes sociais são trocas de opiniões, muitas vezes ofensivas, agressivas, infundadas. Isso não é, em hipótese alguma, diálogo. Trata-se de monólogos que, por vezes, são oportunistas e contraditórios. Jesus, em inúmeras circunstâncias (Bíblia, 2002, Jo, 8:4; Jo, 8:53-59; Mt, 22:15), deparou-se com o público, sobretudo autoridades que traziam esses tipos de comunicação: oportunista e em tom ofensivo, porém, Ele “seguiu o seu caminho” (Bíblia, 2002, Lc, 4:30).

Conforme acentua Francisco, não se trata de diálogo, ou falta desse, entende-se que não há quem esteja preocupado com o bem de todos, isso em diferentes setores, evidenciando uma preocupação em obter vantagens, em impor o seu modo de pensar. Muitas vezes, isso se dá diante de públicos, seguidores das redes e dos diversos canais, em que é possível, ou pelo menos se acredita, ter bastante acesso ao diálogo.

Consoladora é a expectativa que o Papa traz quando diz que:

Os heróis do futuro serão aqueles que souberem quebrar esta lógica morbosa e, ultrapassando as conveniências pessoais, decidam sustentar respeitosamente uma palavra densa de verdade. Queira Deus que estes heróis se estejam gerando silenciosamente no coração da nossa sociedade (Francisco, 2020, p. 202).

Certamente, aqueles que sabem no cotidiano ouvir, falar, emitir uma mensagem e receber outra, acolhendo de forma respeitosa aqueles que são próximos, estarão aptos a entrar

em um diálogo social, fomentado pelo Papa, e isso por meio de qualquer canal. Para Francisco, “o diálogo social autêntico pressupõe a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos” (Francisco, 2020, p. 203). Acolher o ponto de vista do outro se aprende em família. Essa vivência pode-se estender a sociedade a qual está inserido, partindo da compreensão de que todos somos irmãos (Bíblia, 2002, Jo, 3:1). Portanto, o diálogo social não se trata de anulação de convicções pessoais ou comunitárias, mas de coerência, a qual leva a uma abertura ao outro, proporcionando, assim, o desenvolvimento, conforme evidencia o Papa:

Sem dúvida, quando uma pessoa ou um grupo é coerente com o que pensa, adere firmemente a valores e convicções e desenvolve um pensamento, isto irá de uma maneira ou outra beneficiar a sociedade; mas só se verifica realmente na medida em que o referido desenvolvimento se realizar em diálogo e na abertura aos outros. (Francisco, 2020, p. 203).

Tendo em foco o diálogo social, que culmina na amizade social tão realçada pelo Papa Francisco, é inevitável refletir sobre os canais, dentro do processo de comunicação, uma vez que eles podem ser aqueles que facilitam o diálogo. Não obstante, Francisco afirma que: “é necessário verificar, continuamente, que as formas atuais de comunicação nos orientem efetivamente para o encontro generoso, a busca sincera da verdade íntegra, o serviço, a aproximação dos últimos e o compromisso de construir o bem comum” (Francisco, 2020, p. 205).

A questão é que Francisco quer firmar, independentemente dos meios, é que o diálogo é o caminho mais acertado sempre, pois,

Numa sociedade pluralista, o diálogo é o caminho mais adequado para se chegar a reconhecer aquilo que sempre deve ser afirmado e respeitado e que ultrapassa o consenso ocasional. Falamos de um diálogo que precisa de ser enriquecido e iluminado por razões, por argumentos racionais, por uma variedade de perspectivas, por contribuições de diversos conhecimentos e pontos de vista, e que não exclui a convicção de que é possível chegar a algumas verdades fundamentais que devem e deverão ser sempre defendidas (Francisco, 2020, p. 211).

Portanto, conveniência social, consenso e verdade objetiva podem unir-se de forma harmoniosa, com pessoas que, mediante o diálogo, vão corajosamente levando a fundo uma questão (Francisco, 2020, p. 212).

A dignidade da pessoa humana deve ser respeitada em toda e qualquer situação, pontua Francisco: “que todo o ser humano possui uma dignidade inalienável é uma verdade que corresponde à natureza humana, independentemente de qualquer transformação cultural” (Francisco, 2020, p. 213). Portanto, em qualquer período da história, essa dignidade é a mesma,

sendo inviolável, e a ninguém foi dada a autorização de negar essa verdade. Em qualquer processo de comunicação, em que estão inseridas duas pessoas ou mais, sempre há o que se aprender, o diálogo sempre pode ser uma troca. Assim é de suma importância o que afirma o Papa:

Na realidade, de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isto implica incluir as periferias. Quem vive nelas tem outro ponto de vista, vê aspectos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder onde se tomam as decisões mais determinantes (Francisco, 2020, p. 215).

Essa troca com todos e sempre mediante o diálogo, Francisco denomina como cultura do encontro: “assim, falar de ‘cultura do encontro’ significa que nos apaixonamos, como povo, querer encontrar-nos, procurar pontos de contato, lançar pontes, projetar algo que envolva a todos” (Francisco, 2020, p. 216). Em tom esperançoso, o Pontífice considera as possibilidades, os esforços por essa construção e o compromisso de proporcionar que se alcance esse propósito: “o que conta é gerar processos de encontro, processos que possam construir um povo capaz de recolher as diferenças. Armemos os nossos filhos com as armas do diálogo! Ensinemos-lhes a boa batalha do encontro!” (Francisco, 2020, p. 217).

No Evangelho segundo Lucas, há a parábola do Bom Samaritano (Bíblia, Lc, 10: 25-37), a qual inicia com o diálogo do doutor da Lei pela qual, a partir das provocações que as perguntas causaram, Jesus conta a parábola: um homem em viagem caiu na mão de assaltantes que o deixaram quase morto pelo caminho. Três pessoas passaram pelo mesmo local: um sacerdote, um levita e um samaritano; apenas o último, “viu-o e moveu-se de compaixão”, e por isso, teve atos de misericórdia com o homem semimorto, mesmo sem o conhecê-lo.

Essa parábola está relacionada à cultura do encontro proposta pelo Papa, pois:

A pergunta fundamental na encíclica acerca da reflexão sobre a cultura do encontro é: “quem é o meu próximo?” (Lc, 10:29). Por isso, a grande provocação apresentada a partir da parábola em relação às nossas atitudes é o encontro com o diferente, pois encontram-se no texto bíblico um samaritano e um judeu (Santos; Marcolino, 2021, p. 160).

Por isso que, quando Francisco motiva ao diálogo, está tendo uma visão ampla, com um convite a “ampliar o espaço da tua tenda” (Bíblia, 2002, Is, 54:2), uma vez que “a cultura do encontro faz-nos descobrir que o ‘amor deve estar aberto a todos’” (Francisco, 2020, p. 82). Dessa forma, é possível compreender como o diálogo pode ser um gerador da amizade social, dentro da cultura do encontro, assim, “o amor que se estende para além das fronteiras está na base daquilo que chamamos ‘amizade social’” (Francisco, 2020, p. 99).

O amor é abertura, nunca fechamento, bloqueios ou cancelamentos, e tem implicações: “implica o hábito de reconhecer ao outro, o direito de ser ele próprio e de ser diferente” (Francisco, 2020, p. 218). O samaritano da parábola ajudou o semimorto pelo caminho, com ações de misericórdia, a partir de sua necessidade. Quantos não serão os semimortos nos caminhos da vida, precisando de “bons samaritanos” apenas para os ouvir, fornecer mensagens de conforto, o ato de misericórdia corporal, por exemplo, dar bons conselho e, em última análise, dialogar. O Papa Francisco é enfático ao trazer a essa Encíclica a necessidade de recuperar a amabilidade. Ele faz uma metáfora, referindo-se às pessoas que assim agem, comparando-as a estrelas no meio da escuridão.

É em Paulo que Francisco se apoia para explicar a importância da amabilidade no trato com os outros, no diálogo. “São Paulo designa um fruto do Espírito Santo com a palavra grega *chrestotes* (Bíblia, 2002, Gal, 5:22), que expressa um estado de ânimo não áspero, rude, duro, mas benigno, suave, que sustenta e conforta” (Francisco, 2020, p. 223). Certamente que, a pessoa que age com amabilidade se encontra com o “Deus que é rico em misericórdia” (Bíblia, 2002, Ef, 2: 4) e se empenhe em portar essa misericórdia, sendo amável, tornando, assim, a vida dos outros mais suportável, sobretudo perante as dores, angústias e pesos dos problemas.

Para Gonzaga (2022), sobre esses frutos do Espírito Santo, o Papa destaca que são componentes fundantes para a amizade social:

Quando se olha para os dois termos que Francisco cita na *Fratelli Tutti*, *agathosyne* (FT, 112) e *chrestotes* (FT, n. 223), de imediato, percebe-se o caminho que ele aponta para a construção da fraternidade e da amizade social, visto que as duas virtudes são do campo semântico do bem/bom: “ἀγαθωσύνη/*benignidade*” e “χρηστότης/*bondade*” (Gl 5,22) (Gonzaga, 2022, p. 242).

Francisco, ensinando e motivando a recuperar a amabilidade, explica o que:

É um modo de tratar os outros, que se manifesta de diferentes formas: amabilidade no trato, cuidado para não magoar com as palavras ou os gestos, tentativa de aliviar o peso dos outros. Supõe ‘dizer palavras de incentivo, que reconfortam, consolam, fortalecem, estimulam’, em vez de ‘palavras que humilham, angustiam, irritam, desprezam’ (Francisco, 2020, p. 223).

Portanto, entre as obras de misericórdia, as que refletem essa indicação do Papa, são sobretudo, as obras de misericórdia espirituais: dar bons conselhos, ensinar os ignorantes, corrigir os que erram e consolar os tristes. Dialogar, e, sobretudo, dialogar com amabilidade, é última análise, fazer misericórdia!

O diálogo tão necessário na sociedade atual, e tão fomentado pelo Pontífice, que gere a amizade social, carece de decisões pessoais, pois apesar de ser dom de Deus, “também depende

da livre disposição do ser humano em praticar o bem e crescendo na bondade, pessoal e comunitariamente, como um projeto de vida para o bem comum, sendo sua opção fundamental e vital” (Gonzaga, 2022, p. 243).

Francisco ainda apresenta os efeitos da amabilidade quando vivida, que vai contrária a tantas experiências ruins. Assim, “é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída que ignora que os outros também têm direito de ser felizes” (Francisco, 2020, p. 224). Continua ele expressando uma triste verdade: a pressa nas relações que sugam o bom tempo para se dedicar a tratar bem as pessoas, por exemplo, “para dizer ‘com licença’, ‘desculpe’, ‘obrigado’” (Francisco, 2020, p. 224). Sem perder a esperança e focado em motivar para tal amabilidade, Francisco continua:

Contudo de vez em quando verifica-se o milagre duma pessoa amável, que deixa de lado as suas preocupações e urgências para prestar atenção, oferecer um sorriso, dizer uma palavra de estímulo, possibilitar um espaço de escuta no meio de tanta indiferença. Este esforço, vivido dia a dia, é capaz de criar aquela convivência sadia que vence as incompreensões e evita os conflitos (Francisco, 2020, p. 224).

Exercer a amabilidade não é algo superficial, tampouco formal, não é um detalhe, mas segundo o Papa deveria ser meta de todo cristão e pessoa de boa vontade. Pois trata-se de um “dado que pressupõe estima e respeito, quando se torna cultura uma sociedade, transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais, o modo de debater e confrontar as ideias”. (Francisco, 2020, p. 224). Portanto, exercer a amabilidade, sobretudo, ao dialogar, pode transformar as relações.

4 Considerações Finais

Assim, dentro de uma concepção hodierna, de uma sociedade em que há um crescimento da violência, do individualismo, como mostra o Papa Francisco na Encíclica *Fratelli Tutti* (2020), é necessária uma cultura contrária, uma cultura do diálogo e a unidade. O diálogo traz consigo uma perspectiva de escuta e de caridade, sem escutar o outro não é possível fazer diálogo, assim, é preciso tirar todo tipo de diferenças, como no caso de Jesus e a Samaritana, que tinham uma diferença cultural e social, mas isso não impediu Jesus de ouvi-la e de exercitar a segunda perspectiva: a caridade.

O amor dentro do diálogo é essencial, e só é possível fazer comunicação se há amor, assim é o caso do bom samaritano (Bíblia, 2002, Lc, 10:29-37), que mesmo não conhecendo a pessoa que estava padecendo, ouviu o clamor de seu próximo e não deixou de ajudá-lo,

movendo-se de compaixão. É essa a atitude que Cristo espera: “amai-vos também uns aos outros” (Bíblia, 2002, Jo, 13:34), assim é aquele que aprende a dialogar com o diferente, buscando algo em comum: o amor.

O diálogo tão necessário na sociedade atual, e tão fomentado pelo Pontífice, que gere a amizade social, realizado mediante, sobretudo, a amabilidade, faz com que Francisco instrua pela *Fratelli Tutti*, como uma oportunidade de exercer a misericórdia, sobretudo pelas obras de misericórdia espirituais. Dar bons conselhos, ensinar os ignorantes, corrigir os que erram e consolar os tristes, são ações de misericórdia que mudam realidades e pessoas.

Ao caminhar junto e ver a face de Deus, há uma nova dimensão aberta, a unidade. Ao longo do caminho, nota-se a necessidade de comunidade, de unir-se aos irmãos, como os discípulos de Emaús (Bíblia, 2002, Lc, 24: 13-35), que ao verem a face de Deus, ao dialogar com o Senhor, notaram a necessidade de se fazerem unidos aos apóstolos. Assim, conclui-se que o diálogo é para o magistério atual da Igreja, aquilo que sempre foi por toda história da Igreja, a cultura do amor, que impele a dar novo caminho. Jesus é o caminho, é Ele que direciona e sempre convida ao ensinamento de: “amai-vos uns aos outros” (Bíblia, 2002, Jo, 13:34), o que gera a esperança de uma vida nova.

Referências

BENTO XVI. **Deus é amor**. São Paulo: Loyola, 2005.

BERGANT, D.; KARRIS, R. J. **Comentário Bíblico**. São Paulo: Loyola, 1999.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. (Ed. Revista). São Paulo: Paulus, 2002.

SANTOS, D. N.; MARCOLINO, R. *Fratelli Tutti*: a cultura do encontro e a educação integral na perspectiva da fraternidade universal. **Revista Contemplação**, n. 25, 2021. Disponível em: <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/296>. Acesso em : 5 jul. 2024.

FOUILLOUX, D. *et al.* **Dicionário cultural da bíblia**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

FRANCISCO. *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Loyola, 2020.

FRANCISCO. Mensagem do Santo Padre para a celebração do dia mundial da paz. **A Santa Sé**. 1 jan. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20191208_messaggio-53giornatamondiale-pace2020.html. Acesso em: 01 maio 2024.

GIORDANO, N. **Rumo ao Pai**. 2. ed. Trad. Mário Basacchi. São Paulo: Paulinas, 1998.

GONZAGA, W. A construção da fraternidade e da amizade social à luz da Teologia Bíblica da *Fratelli Tutti*. **Perspectiva Teológica**, v. 54, p. 227-249, 2022. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4986>. Acesso em: 5 jul. 2024.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Cultrix: São Paulo, 2007.

LARRAÑAGA, Inácio, **O irmão de Assis**. Trad. Fr. José Carlos Corrêa Pedroso. São Paulo: Paulinas, 1998.

LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. **Dicionário de teologia fundamental**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ROUILLARD, P; HENRY, A. M.; BROSSE, O. **Dicionário de termos da fé**. Aparecida: Editora Santuário, 1989.

PAULO VI. **Carta Encíclica Ecclesiam Suam**. Petrópolis: Vozes, 1965.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS (PCDI). **A Santa Sé**. 1999. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19051991_dialogue-and-proclamatio_po.html. Acesso em: 06 maio 2024.